

Incidências da “nova ontologia” de Merleau-Ponty sobre o conceito de “Motricidade Vital”

Eduardo Okuhara¹

Rui Josgrilberg²

Resumo: Esse ensaio teve como objeto de análise a motricidade vital sob o enfoque da fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty como fundamentação teórica para abrir novos campos de compreensão acerca de um se mover como ação impregnada de sentidos. O objetivo desse texto foi propor uma discussão acerca da motricidade a partir de uma reflexão pós-empírica, isto é, uma discussão sobre a motricidade como dimensão ontológica enquanto instância essencial à vida. A motricidade aqui é evocada a partir do conceito de corpo próprio de Merleau-Ponty e da Motricidade do filósofo Manuel Sérgio para a emergência do *ser motricio* como ser movente que se age conscientemente no mundo numa relação plena de sentidos. Sob essa categoria de análise, a ideia de motricidade vital se coloca nesse ensaio como fonte de investigação para compreender o ser humano que ao se movimentar busca transcendência, sentido na sua ação para um bem viver em que o outro está implicado e que essa relação é vital para dar sentido à motricidade. A partir de uma perspectiva fenomenológica da motricidade vital foi possível tecer alguns fios de compreensão em que o se mover no mundo pode se transmutar como incidências de apropriação de ações, hábitos e sentidos sensíveis que implicam numa nova ontologia com sentidos vitais, sensíveis de si e sentidos existenciais.

Palavras-chave: Motricidade vital, fenomenologia, corporeidade, ontologia e sentidos sensíveis.

Abstract: This essay had as its object of analysis the vital motricity under the focus of the phenomenology of the body of Merleau-Ponty as a theoretical foundation to open new fields of understanding about a movement as an action impregnated with senses. The purpose of this text was to propose a discussion about motricity from a post-empirical reflection, that is, a discussion about motricity as an ontological dimension as an essential instance for life. Motricity here is evoked from the concept of Merleau-Ponty's own body and the Motricity of the philosopher Manuel Sérgio for the emergence of “ser-motricio” as a moving being that consciously act in the world in a full relation of senses. Under this category of analysis, the idea of vital motricity is placed in this essay as a source of investigation to understand the human being who, when moving, seeks transcendence, meaning in his action for a good life in which the other is involved and that this relationship is vital for making sense of motor skills. From a phenomenological perspective of vital motricity it was possible to weave some threads of understanding in which moving in the world can be transmuted as incidents of appropriation of actions, habits and sensitive senses that imply an new ontology with vital senses, sensitive ones and senses existential.

Keywords: Vital motricity, phenomenology, corporeality, ontogenesis and sensitive senses.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Docente do Centro Universitário Ítalo Brasileiro no curso de Educação Física e Pedagogia. Membro de Conselho Editorial da Rebescolar (Revista Brasileira de Educação Física Escolar). Contramestre de Capoeira. Membro de corpo docente da Federação Paulista de Capoeira.

² Doutor em Sciences Religieuses, Université de Strasbourg. Graduado em Filosofia pela Universidade de Mogi das Cruzes. Graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Lecionou como professor titular da Universidade Metodista de São Paulo na graduação e pós-graduação. Sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Fenomenologia e seu primeiro presidente.

Introdução

Este ensaio teve como inspiração epistemológica a Motricidade Humana, substrato teórico para a compreensão do corpo que habita e se faz presença no mundo em busca de sentidos sensíveis vitais para se pensar numa nova ontologia para uma motricidade vital.

A problemática orientou-se por meio da seguinte questão: A partir das pressuposições da motricidade vital é possível ampliar o reconhecimento do movimento como essencial a uma nova ontologia com sentidos transmutadores, alterando a dinâmica de vida e, assim, potencializando a motricidade e, por conseguinte, a existência humana?

O objetivo desta pesquisa foi ampliar a compreensão, a partir de uma fundamentação teórica da Corporeidade/Motricidade, dos sentidos existenciais como incidências das práticas corporais enquanto apropriação de sentidos essenciais para uma ontogênese humana a partir do *ser motrício*, ser que se move no mundo com sentidos e, portanto, um se mover orientado à convivência a partir da motricidade e a confluência de sentidos.

À luz destas proposições, singelíssimas, parece-nos que este ensaio se justifica na medida em que dá uma orientação para refletir sobre a motricidade como dimensão vital à apropriação de sentidos essenciais para a formação de uma ontogênese vital, especialmente quando se considera uma orientação empírica, ainda hegemônica, na discussão acerca da cultura do movimento nas diversas áreas do conhecimento em que o movimento é objeto de pesquisa e intervenção social, de modo mais acentuado na área da saúde, o que perpetua um status quo de uma *episteme* de não totalidade.

Para compor nosso conjunto de reflexões tomamos como ponto de partida a ideia de motricidade vital com base na perspectiva de Merleau-Ponty para compreender o corpo como fonte de sentidos, a carne do mundo e, por essa via de análise uma dimensão ontológica que parte da perspectiva do corpo como carne do mundo, dessa forma, tomando uma certa distância de filosofias das consciências desencarnadas.

Sob esse enfoque da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, tratamos da ontologia do movimento. Nesse sentido, o se mover no mundo constitui não apenas uma estesia, um disparo do sensível, mas uma encarnação de sentidos /significados transmutadores vitais para uma ontogênese saudável.

Deriva disso que estamos propondo uma reflexão em que a motricidade se faz como motricidade vital na convergência dos sentidos, isto é, não se constitui como cinestesia apenas, mas se na incidência dos sentidos. É nessa incidência de sentidos, encarnados e refletidos que se dá a motricidade vital.

A motricidade não é uma ação mecanizada, mas ação que se desdobra em sentidos, sendo uma experiência motrícia. A visão empírica da motricidade se coloca como objeto de nossa crítica, uma vez que propomos uma compreensão da motricidade vital em consonância com uma concepção pós-empírica do movimento à luz de um enfoque de totalidade do ser que se move na condição de ser encarnado no mundo, em que sujeito e mundo se encontram e se complementam.

Em seguida se propõe uma reflexão sobre as práticas corporais como com contingência de apropriação de sentidos sensíveis e existenciais, linguagem e, portanto, uma vida existencialmente mais saudável pela produção de um conjunto de ações habituais que promovam uma existência integralmente saudável, corpórea e espiritual.

Nesse sentido, a reflexão que segue no decurso deste ensaio é emergente, para além de concepções empíricas historicamente enraizadas na área da saúde e, por desdobramento histórico, na forma de pensar o movimento. Isto posto, buscamos abordar a motricidade vital a partir de confluências teóricas, em que a corporeidade e motricidade se complementam para ampliarmos nossas reflexões sobre os sentidos vitais das práticas corporais para além de desdobramentos empíricos, mas como transmutação para sentidos existenciais.

A motricidade vital pelo enfoque de Merleau-Ponty: ontologia do movimento

A expressão ‘motricidade vital’ delimita a motricidade humana. Ela qualifica o movimento do corpo como algo essencial à vida. A motricidade afeta todo desenvolvimento, desde o feto na formação dos órgãos e disposições para a fala, bem como as atividades cognoscitivas durante toda a vida, além, é claro, das questões de saúde que dependem do corpo em movimento.

Merleau-Ponty em suas obras *A estrutura do comportamento* e *Fenomenologia da percepção* mostrou com clareza o lugar central do corpo na filosofia como corpo que se move, sente e fala. Entretanto, no último decênio de sua vida (época do Collège de France, até sua morte em 1961), Merleau-Ponty deu uma guinada decisiva em sua filosofia. Nas primeiras obras citadas ainda se mantém mais husserliano, recusando a consciência transcendental de Husserl é certo, mas mantendo-se sob inspiração da teoria do conhecimento e epistemologia do criador da fenomenologia. Retoma a ideia de mundo-da-vida, consciência perceptiva, e a noção de intencionalidade operante (que foi bastante ampliada no fenomenólogo francês com o reconhecimento de maior autonomia do corpo).

A mudança acontece por deixar de lado a epistemologia e admitir uma atitude semelhante à de Heidegger assumindo uma forma de pensar fenomenologicamente em termos de ontologia. Em suas últimas obras, particularmente em *O visível e o invisível*, obra inacabada e fragmentada, propõe uma “nova ontologia” (diferente da de Heidegger) e “uma reabilitação ontológica do sentir” como escreveu no ensaio sobre “O filósofo e sua sombra” sobre Husserl e publicado no livro *Signos*.

Desenvolve uma ontologia baseada numa nova concepção de ‘carne’ como elemento (no sentido pré-socrático que buscavam os componentes materiais que formavam o cosmos), não só dos seres orgânicos, mas do mundo como um todo, e tudo o que tem a ver com sentido, ensejando expressões como a “a carne da humanidade”, “a carne do mundo”, a “carne da história”. O que Merleau-Ponty desenvolve é uma ontogênese que parte da carne do mundo. Distancia-se da filosofia da consciência de Husserl, e da ontologia do Dasein de Heidegger.

As incidências sobre as noções de movimento e de motricidade são importantes. As ideias de movimento, motricidade, sentir, sentido, e outras são retomadas da *Fenomenologia da Percepção*, mas numa nova perspectiva. Uma série de categorias novas aparecem: carne, ser bruto (ser selvagem, ser vertical), reversibilidade, deiscência, intercorporeidade, o impercebido, instituição, etc. As implicações para a ideia de movimento e motricidade são ampliadas em

correlação com a ideia de carne. A principal delas está no melhor reconhecimento do movimento como inerente à ontologia.

A ontogênese é movimento contínuo de diferenciação na continuidade. O corpo que se move, sente, fala, age, tem sua autonomia relativa reconhecida e como uma relação ontológica com o sentido antes da consciência, exercendo um trabalho de transmutar o sentido, ‘pensá-lo’ na esfera do corpo, criar a base para que possa ser retomado como sentido sensível e como sentido significado através de outras metamorfoses que só o corpo sabe realizar.

A ontogênese, em certo sentido, é o próprio movimento do Ser. Merleau-Ponty desdobra uma dialética e uma hermenêutica diacrítica de diálogo com os outros, com as diferentes autonomias que nos habitam (passividades, no sentido de Husserl), e ainda com autonomias da natureza, de um lado, e com instituições culturais e históricas, de outro lado.

Na impossibilidade de descrever aqui essa “nova ontologia” procuramos indicar algumas de suas incidências sobre a noção de “motricidade vital”: pensamos ver essas incidências numa implícita ontologia do movimento.

Ontologia e movimento

Para Merleau-Ponty o movimento do pensamento de Husserl de fazer encarnar a consciência no corpo ficou a meio do caminho em razão de sua própria ideia de consciência intencional e transcendental. Husserl neutraliza sua imensa contribuição para o entendimento da corporeidade ao fazer da consciência transcendental a última instância para a compreensão do corpo.

Merleau-Ponty retoma a ideia de Husserl de uma ‘intencionalidade operante’ de forma a torna-la viva em todos os níveis de manifestação ôntica, isto é, ampliando a ideia também em relação ao corpo que passa a ter um novo estatuto. Com a nova autonomia do corpo é reconhecido como portador de uma subjetividade que não se limita à consciência e com isso faz uma forte recusa à noção de uma subjetividade construída no espírito cartesiano. O corpo se torna um centro irradiador intencional mesclado com outros movimentos.

Na nova inscrição ontológica o corpo opera sentido e orientação antes mesmo da consciência, sem que a importância desta seja desconsiderada. O corpo se manifesta na sustentação ontológica com o sentido das coisas. A ‘significação motora’ começa no corpo. O corpo fundamenta “eu posso” assim como o “eu penso”.

Mas, não podemos fazer da mudança de perspectiva uma ruptura completa com as obras anteriores. Algo da nova ontologia já se encontra em germen na *Fenomenologia da Percepção*. Corpo e motricidade são correlatos, um não existe sem outro (cf. secção III da primeira parte da obra). A ‘significação motora’ já reconhece no movimento algo de sentido (direção). (MERLEAU-PONTY, 2011)

O corpo não é apenas um fenômeno motor, mas igualmente ocorre como *evento de sentido e significação*: “Vemos melhor, considerando o corpo em movimento, como ele habita o espaço (e também o tempo) porque o movimento não se contenta de ser afetado pelo espaço e tempo, ele os assume ativamente, e os retoma em sua significação original ...” (*Ph.P.*, Gallimard. Paris, 1945, p. 119). “Os órgãos sensoriais e em geral o corpo próprio nos dão o

mistério de um conjunto que, sem deixar sua ecceidade e sua particularidade, emite além dele significações capazes de fornecer a armação necessária a toda uma série de pensamentos e experiências” (Id., p.147). “A motricidade tomada em estado puro possui a o poder elementar de dar um sentido (*Sinngebung*). ” (Id., p. 168). Não se trata de dar sentido como criação subjetiva, mas de um encontro-evento no qual a motricidade interpreta o movimento do outro, das coisas, do mundo, em um momento primeiro. “Estes esclarecimentos nos permitem, enfim, compreender sem equívoco a motricidade como intencionalidade original” (Id, p. 160).

Nessa obra a motricidade já é reconhecida com certa autonomia relativa: “A motricidade não é semelhante a uma serva da consciência” (Id., p. 161). Podemos pensar mesmo em um mundo-do-corpo antes do mundo-da-vida: “Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem necessidade de passar por ‘representações’, sem se subordinar à uma ‘função simbólica’ ou ‘objetivante’ ” (Id., p. 164). O corpo encarna sentido segundo seus próprios sistemas simbólicos e se torna em “um nó de significações vivas”, síntese que une o movimento do corpo com o movimento do mundo.

A motricidade é vista em sua dimensão originária ou solo de experiência do corpo – cinestesia e estética do movimento – que se desdobra em sentidos e significados de nosso ser-no-mundo. O esquema corporal é corporado (*leiben*) no próprio movimento. É o próprio corpo que se move quem institui o esquema corporal ao movimentar-se.

Apesar dessa ampliação da ‘intencionalidade operante’ de Husserl, Merleau-Ponty se mantém ainda no quadro de uma epistemologia, o que será considerado depois como uma concessão indevida ao sujeito cartesiano.

O giro em direção à ontologia retificará os limites da abordagem na *Fenomenologia da percepção*. A encarnação da consciência desejada por Husserl implica em reconhecer os limites da consciência. A revisão pela ontologia, ou melhor pela ontogênese, obriga a reconhecer as autonomias da natureza e do corpo em relação ao domínio da consciência. A ‘nova ontologia’ se faz por desdobramentos multiplicadores ou deiscência onde cada etapa ou fase é vista uma pela outra sem que se perca as autonomias de cada uma. O movimento do cosmos e a motricidade humana mantêm relações de sentido que respeitam a unidade, a continuidade, apesar das diferenças. O ponto de partida não é mais a consciência perceptiva, mas o todo de uma intencionalidade operante como carne do mundo. O movimento tem sua inscrição na ontologia e acompanha toda ontogênese. A motricidade humana também deverá reconhecer sua realidade na ontogênese.

A ‘motricidade vital’ tem ontologicamente um vínculo com a formação de sentidos sensíveis e sentidos significados (reflexivos) o que a coloca na base de todas as relações que se estabelecem no mundo-da-vida. Os sentidos sensíveis incluem não só os alcançados pelos órgãos de sentido, mas os sensíveis internos (instintos, hábitos, emoções, sentimentos, o sensível de si, etc.) e os sensíveis existenciais (presença, alteridade, etc.). Aqui já podemos notar como os sentidos internos estão entrelaçados aos sentidos existenciais constituídos pelos valores éticos, estéticos, religiosos, e outros. A motricidade vital é reguladora do corpo que se move, sente e fala, na vida ética, na vida estética, na vida religiosa. É toda a vida que está em jogo.

Ou seja, a ontogênese do ser humano ocorre pelo *movimento* de vida do mundo que gera a vida do corpo e da existência humana. Podemos projetar essa capacidade geradora do corpo para entendermos os diferentes processos humanos que incluem, por exemplo, as fases da vida, onde uma fase está

vinculada em continuidade com as anteriores, ao mesmo tempo que, cada fase possui diferenças e autonomias, de tal modo que o percurso humano acontece em meio a continuidades e descontinuidades sem contradição.

O movimento do pensar é também visto nessa continuidade descontínua. O pensar é arrancado do sujeito cartesiano e visto como sujeito encarnado que mantém continuidade e unidade com todas as fases e esferas: a autonomia e particularidade do pensar mantém uma dialética com as outras autonomias e descontinuidades. O pensar não é outro que o daquele mesmo corpo que fala e reflete, pensa e age. Como escreve Maxine Sheets-Johnstone “o movimento é a mãe de toda cognição” (*The Primacy of Movement*, J. Benjamins Publ. Company, Amsterdam, Philadelphia, 2011, p. 128).

Os movimentos e os sentires humanos que se relacionam primeiro com o sentido das coisas e os transmutam (*Sinngebung*), são portadores de qualidades únicas que fazem do corpo não um conjunto de órgãos e funções, mas um *evento ontológico*: o corpo um transmutador e um transdutor de sentido, o primeiro intérprete do ser humano no mundo entre pessoas e instituições.

Claude Lefort diz a mesma coisa com mais propriedade em “Le sens de l’orientation”, uma conferência na Sorbonne, em outubro de 1995 (publicada em Merleau-Ponty, *Notes de Cours sur l’origine de la Géométrie chez Husserl. Suivi de recherches sur la phénoménologie de Maurice Merleau-Ponty*, Paris, PUF., Epiméthèe, 1998) A reabilitação ontológica do sensível e a ontologia da carne ao esvaziar o sujeito cartesiano, amplia incomensuravelmente a ideia de sujeito que antes de ser pensante é natureza e corpo. A experiência começa paradoxalmente na subjetividade que nos antecede.

A vida não se descola do movimento e do sentido que ela mesma engendra. Na gênese do sentido em nós nos deparamos com a primazia do corpo em movimento. Para Lefort seguindo a Merleau-Ponty, a experiência perceptiva no corpo que se move promove “nosso encontro primordial com o Ser e que o ser é ser orientado” (*Ph.P.*, p.191). ‘Ser orientado’ qualifica o movimento do corpo em todas as instâncias. Desde a primeira ‘orientação’ do corpo e, depois o que vem em seguida, acontece por transmutação e transdução do sentido de uma esfera ou estrutura para outra. O percurso do sentido na vida humana começa como corpo e é modificado existencialmente e reflexivamente.

Não podemos dissociar os movimentos do corpo do ‘ser orientado’. Toda a vida é alcançada pelo corpo que se move. O corpo é o vetor móvel de todos os sentidos e a chave de transmutação e apropriação do sentido em significados (inclusão de sentido em significados no movimento de si em forma linguagem falada). *O cuidado com a orientação do corpo afeta todos os modos de orientação que se sucedem*. Por isso mesmo o corpo se tornou lugar de muitos cuidados desde a Antiguidade.

O corpo deve ser reconhecido hoje como parte fundamental para o bem se orientar no mundo. Exemplo são as psicoterapias baseadas em movimentos do corpo, a estética da dança, do teatro, os cuidados sociais que se voltam para o esporte com crianças e adolescentes, etc.

A motricidade vital a partir da incidência dos sentidos: por uma ontogênese mediada pela linguagem

Para o que se pretende mais especificamente na discussão da motricidade vital deste ensaio, a partir das questões já formuladas acerca da ontologia do movimento, jogamos luz a questão de um se mover como dimensão humana fundamental a garantia de uma produção de sentidos vitais para a ontogênese humana.

Antes de aprofundar as questões que estão por vir, vale frisar que as reflexões aqui produzidas não abordarão a motricidade pelo enfoque empírico-desenvolvimentista, anátomo-fisiológico, ou mesmo por um prisma da psicologia empírico-comportamentalista, uma vez que essas abordagens, a despeito das suas importantes contribuições, continuam reproduzindo uma concepção materialista sobre a dinâmica do movimento e de tudo que nela está implicado.

Por essa via de compreensão, é possível identificar que alguns hábitos passam por uma perspectiva de um corpo apático, como forma de habituar o corpo para um não se mover e, desse modo, criando um “*habitus*” em que o corpo se acostuma com uma existência do não se mover para sentidos vitais.

Nesse contexto, é possível pensar que as habitualidades do não se mover para o se mover passam por uma reconstrução de sentidos que por sua vez irão contribuir para novos hábitos vitais. Para a transição de um ser não movente para um ser movente, propomos uma análise atravessada por cinco categorias fenomenológicas: 1) Subjetividade; 2) Corpo próprio; 3) Motricidade; 4) Atitude Fenomenológica e 5) *Lebenswelt* husserliano. Para aclarar as análises aqui apresentadas, vamos contextualizar cada uma das categorias e, em seguida, identificar as relações existentes entre elas para compor uma orientação de fundo fenomenológica para a motricidade vital.

Em relação à primeira categoria, a subjetividade, partimos da compreensão de que nossas ações não se constituem como ações desencarnadas, ou seja, ações mecânicas no mundo, orientadas por um contexto, pelo ambiente de modo a desconsiderar a subjetividade do corpo. Sob essa análise, é preciso considerar que a relação do corpo com o meio se dá por um fio de relação transcendental, isto é, não se trata de uma característica exclusiva da consciência, mas, uma característica da vida humana como um todo, pois a vida humana como um todo é uma relação com o sentido das coisas.

Já a ideia de corpo próprio, permite-nos compreender que o corpo se apropria de certas habitualidades, encarna esses hábitos por uma via dupla de sentidos, seja pela estesia, seja pelo sentido significado. Portanto, por essa linha de entendimento de fundo fenomenológico, tal apropriação-encarnação, passa pela via do sentido sensível e do sentido significado e, desse modo, é possível uma transmutação de sentidos, novas ações, novos hábitos e, portanto, um novo modo de ser e estar no mundo, se movendo.

Nesse sentido, nossa análise parte de uma crítica de que apenas os *hábitus* do mover-se, sob o prisma do empírico, sem a um alargamento dos sentidos sobre essa ação corporal, não alcança os pressupostos para compor uma perspectiva da motricidade vital, visto que a motricidade vital, sob uma matriz fenomenológica, não se reduz a uma concepção fragmentadora de movimento, mas advoga um se mover presentificado, encarnado, consciente do instante motrício.

Sob essa ótica, a motricidade nos permite o giro epistemológico para transição de uma compreensão fragmentada do movimento para o enfoque fenomenológico na compreensão do se mover como dimensão da ontogênese. Em vista disso, o se mover não pode, sob nenhuma hipótese, ser analisado como uma ação dessubjetivada, desencarnada, mas, invariavelmente, uma ação que existencializa o ser humano, encarna-o no mundo e o faz sentir a vida, em que se presentificam sentidos, emoções e sensações corporais das mais complexas (ARRUDA, 2018).

Por essa via de compreensão, pressupõe-se que a motricidade é ação existencializada, encarnada e, nesse sentido, as habitualidades de um corpo motrício não se sustentam por uma lógica positivista, fisiológica, em que o movimento humano se reduz a uma lógica empírica, de corpo biologicamente movente, mas passa pela intencionalidade do se mover, do sentido significado dessas ações corporais e, assim, todo o horizonte que se abre a partir dessa condição motrícia (SANTOS, 2014).

Ou seja, assumir a condição de ser movente como instância vital para ontogênese humana, de modo que o não se mover configura, a rigor, um modo de existir incompatível com uma ontogênese com plenitude.

Para compor nossa linha de análise acerca de uma motricidade vital, identificamos na atitude fenomenológica, *epoché*, a atitude suspensiva, um fio de compreensão para a superação crítica de que apropriações de certas habitualidades são apropriações ideologicamente construídas, impregnadas de condicionamentos sociais e culturais, em geral pelo embotamento de uma postura crítico-reflexiva que tem como desdobramento a apropriação de habitualidades típicas do atual contexto em que o corpo hipocinético necessita cada vez mais de próteses e mecanismos tecnológicos e robóticos para dar sentido a ideologia de mercado.

O enfoque metodológico fenomenológico também permite uma postura renovada para um exercício hermenêutico sobre as práticas corporais, a fim de permitir a outras captações de sentidos, para além de desdobramentos empíricos, estéticos, corpóreos, em que pese a relevância desses aspectos para uma existência humana com plenitude.

Em última análise, trazemos para nossas reflexões a ideia do *lebenswelt* husserliano, ou seja, o mundo da vida, para recuperar o essencial da vida. A lógica científico-racional, ou seja, um ser e estar no mundo enquanto *homo ludens* e *eroticus* cede lugar ao *homo sapiens, faber e economicus* e, nessa ordem das coisas, a perspectiva da vida humana tem se orientado para o *homo empiricus*, um sentido objetivo e quantitativo e, assim, distanciando o ser humano de uma ontologia vital para compor uma motricidade vital.

Perante essas análises, à luz desse clarão fenomenológico, pretendemos nesse ensaio propor uma reflexão crítica sobre as bases de um não se mover, para além de uma análise superficial em que a dimensão psicológica, a baixa motivação para o se mover, por si só explica a natureza do não se mover.

Então, em face destas questões, parece-nos que os profissionais da área da saúde ou de uma educação para a saúde, de modo geral, médicos, profissionais da Educação Física, fisioterapeutas, psicólogos, nutricionistas, enfermeiros, etc, podem assumir uma perspectiva convergente com a fenomenológica, isto é, superar uma visão reducionista analisando as habitualidades por uma via de análise superficial, mecanicista, cartesiana, ou comportamental com base em epistemologias exclusivamente empíricas.

Tal orientação empírica desconsidera, portanto, a perspectiva do corpo próprio e, ainda, as habitualidades como desdobramento (visada de consciência), isto é, as habitualidades correlatas a uma subjetividade que encarnou os hábitos, inclui em si, na sua corporeidade certas ações, fruições, experimentações, hábitos, intencionalidades para esses hábitos, apropriação-encarnação de ações corporais e, assim, sentidos significados para sustentar tais habitualidades como motricidade vital para uma existência da longevidade. Sob esse enfoque fenomenológico, podemos compreender que o ser humano é transformador, transfigurador, transcriador.

É corpo que se transcende, sendo ele mesmo transcendido, corporeidade capaz de abrir possibilidades e se comportar como dinâmica criadora na apropriação parcial de si. O impulso humano primordial (*ur-streben*) é o desdobramento corpóreo em um si mesmo, em possibilidades limitadas de apropriação, mas capacidade humana de rejogo, de reafetivação, de reinvenção. (JOSGRILBERG, 2017, p. 304)

Diante dessa reflexão, partimos da materialidade vivida do *sensível* no corpo que sente as diferentes constituições desse corpo na relação do percurso de sentido que vai do sensível do corpo até as elaborações de sentido na língua através de significados. Trata-se dos muitos modos de como o sentido é apropriado, isto é, incluído no movimento do próprio ou de si mesmo. Assim, é de suma importância colocarmos no centro a questão do sentido e sua apropriação não linguística e linguística. (JOSGRILBERG, 2017).

De todo modo, importa ressaltar que a motricidade não representa apenas a autopercepção ou mesmo a sensibilidade orgânica dos movimentos. A motricidade dá-se na fronteira do corpo natural com o corpo cultural. O sistema de contingências motrícias do corpo é portador potencial de sistemas simbólicos. O corpo tem a capacidade de movimentos que se traduzem em gestos simbólicos que nos dão um “mundo”. O corpo, portanto, irrompe como fonte da nossa relação com o mundo, que vai do sensível ao sentido de suas possibilidades linguísticas. Corpo e mundo se desenvolvem como imanência simbólica um do outro (JOSGRILBERG, 2015).

No que concerne à expressão motricidade, Merleau-Ponty (2011) desejava mostrar que motricidade representava, em última análise, uma intencionalidade originária no sentido de que o corpo somente se origina como movimento, não porque há espaço, mas porque há um convite ao corpo, vindo do mundo, e que é respondido pelo corpo como movimento.

Para Merleau-Ponty (2011) o gesto não se reduz a um dado mecânico, possui intencionalidades, sentidos, direções, compondo uma diversidade de significações, nos diferentes contextos desenhados pela gestualidade do corpo, caracterizando uma relação sempre original com o mundo. O gesto como implicação do corpo guarda em potência a construção de sentidos e de significados, que ultrapassam o domínio da consciência ou de uma linguagem instrumental. O gesto está diante de mim como uma questão, ele me indica certos pontos sensíveis do mundo, convida-me a encontrá-lo ali.

Em outras palavras, o corpo que se apropria pela via cinestésica dos sentidos desdobrados das práticas corporais é precisamente o corpo que inclui, no movimento de si, experiências vividas para compor e recompor o seu “si-mesmo”, sua subjetividade, seu modo próprio de ser e estar no mundo e,

portanto, transmutar sentidos e assumir uma condição existencial mais consciente do que lhe é essencial para a sua condição de ser no mundo (ARRUDA, 2018).

O corpo é condição de vida, de existência, de conhecimento. A corporeidade constitui-se como desdobramento das experiências vividas. Dessa forma, considerando as habitualidades da pós-modernidade com tendências à virtualização das relações humanas, tornam-se as práticas corporais tradições que preservam a cultura da motricidade, ou a cultura corporal do movimento, em que o ser humano encontra, nestas tradições, a possibilidade motrícia, isto é, a realização do movimento emergente vital que busca uma existência com sentidos criativos e realizadores (ARRUDA, 2018).

Nesse sentido, a partir das tradições da cultura corporal do movimento, encontramos a motricidade vital como ação ontológica para o corpo presente, corpo que se apropria de tempo, espaço, relações e ações expressivas que lhe confere sentidos e, assim, torna-se fruição, habitualidades próprias, típicas, inerentes às tradições da cultura da motricidade.

Modo de ser e agir em que os corpos se movimentam, expressam suas formas de existir e interpretar a vida e o mundo, sua subjetividade e o sentido que atribuem a um conjunto de possibilidades motrícias (SANTOS, 2014).

Nessa direção, as questões de fundo fenomenológico e a reflexão sobre o quão a natureza retarda intencionalmente a formação humana, justamente para se completar, na e pela cultura, são questões, a nosso ver, profundamente relevantes, uma vez que a cultura é processo imprescindível para as apropriações do mundo, conforme a perspectiva de Merleau-Ponty.

De todo modo, consideramos relevante ressaltar que na perspectiva fenomenológica, o ser humano é um ser de abertura e, nesse sentido, compreender que o corpo está posicionado para absorver a linguagem e o contato com o outro. O corpo é posicionado para o mundo, a partir da concepção de corpo-intencional.

O ser humano é, em uma de suas dimensões originárias, abertura para ser educado. A “abertura para o ser educado” é uma vivência necessária de todos os envolvidos na relação de convivência e de educação. Essa relação originária pode ser explorada analiticamente desde a forma fetal até a morte do indivíduo (JOSGRILBERG, 2015, p. 10).

Para a fenomenologia a linguagem tem uma função mediadora, diz algo mais, para além da própria linguagem. Para Merleau-Ponty (2011), a linguagem é encarnada no corpo. A linguagem está em nós, fazemos linguagem nos fazendo.

A tematização da experiência originária e da objetivação fenomenológica dos modos de ser, o sentido e sua encarnação linguística, a corporeidade, o mundo da vida e as formas de vida que ele comporta, além de outras ideias, assume uma importância decisiva para a relação da fenomenologia com a educação e para uma compreensão hermenêutica da educação (JOSGRILBERG, 2015, p. 9).

Na esfera da linguagem, o que é empírico e o que fenomenológico? A fenomenologia não parte do discurso do outro, a fenomenologia se dá em primeira pessoa. Uma criança pode reproduzir aquilo que ouviu, mas isso não é fenomenológico. Fenomenologia é sua narrativa do mundo, da sua própria experiência, o seu *thaumázein*³. A fenomenologia não emerge das representações sociais empiricamente construídas. Por exemplo, a representação social de um determinado grupo configura-se como uma pesquisa sociologicamente empírica (ARRUDA, 2017).

Por outro lado, é a experiência vivida do sujeito e uma compreensão de si-mesmo que se situa como um dado fenomenológico. Esta é, para nós, a contribuição da fenomenologia para ampliar a compreensão da linguagem enquanto processo fundamental na educação para a motricidade vital e, ainda enquanto processo para uma existência mais plena e com mais longevidade.

De todo modo, para que a vivência tenha sentido, faz-se necessário uma problematização dessa vivência, evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais atribuem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento.

Portanto, além das vivências, por meio da experimentação, apropriação e fruição, ao campo do sentido sensível seja possível uma reflexão sobre a ação, uma análise e uma compreensão dessas experiências da cultura corporal do movimento, o que auxilia na passagem do sentido sensível para o sentido significado, sendo esse, portanto, papel fundamental dos profissionais da área da saúde, a partir desse dado fenomenológico, fazer uso da linguagem para ampliar sentidos acerca da motricidade vital e, nesse sentido, contribuir para produzir novas ações e novas habitualidades (ARRUDA, 2019).

A corporeidade constitui-se como desdobramento das experiências vividas, e a fenomenologia contribui para uma melhor compreensão da motricidade vital, do seu modo de se apropriar da linguagem verbal e motrícia e, nesse sentido, se potencializar enquanto ser linguístico.

Nesse jogo de narrativas, podemos pensar na formação de mundos, na busca de mundos, de um mundo vital, em que as diferenças possam se complementar e, em especial, que a educação, enquanto prática emancipadora, possa, de fato, fazer do processo educativo possíveis hábitos para um bem viver, novas formas de relações motrícias vitais e, portanto, de novos horizontes de sentidos em que o outro está implicado.

As diferenças culturais não são pretextos para impor uma cultura hegemônica a título de educação e instrumentos de subordinação ou de alienação. As culturas podem promover confluências dialogadas e cooperar para identidades, trabalhando em processos de superação. O processo educativo é liberador pela mediação do educador na promoção de uma interação entre os mundos, de modo a criar percepções, alternativas, possibilidades, que possam ser assumidas com autonomia (JOSGRILBERG, 2013, p. 37).

³ *THAUMÁZEIN* – é o assombro, o espanto da experiência originária, não apenas para a poesia, mas torná-la produtiva como saber e permanecer no originário da percepção adotando um caminho reflexivo que se mantenha na esfera de sua manifestação. O *thaumázein* filosófico é um indicativo dessa experiência originária para a qual a fenomenologia quer promover o retorno (JOSGRILBERG, 2015, p. 7).

É na relação do sentido sensível e do sentido significado, que integra subjetividade e objetividade, que se apreende o invisível contido ou oculto no campo do visível, que faz brotar imagens latentes portadoras de outros sentidos. Dessa forma, a partir do sentido sensível próprio de cada corporeidade/motricidade que se capta os múltiplos sentidos significados. Para tanto, para que se possa captar os sentidos significados como *práxis* criadora para uma motricidade vital, e não como disfuncionalidade, torna-se imperativo uma reconstrução da compreensão das diferentes motricidades e, portanto, dos diferentes modos de ser e estar no mundo.

Fim de jogo...

A partir das análises, claro está que é na existência que imprimimos sentidos. A experiência vivida é fundamental para o conhecimento, o que sei do mundo sei pelo vivido. O ser humano está atado ao mundo no qual a nossa relação com o mundo se dá na ação, no movimento. A estesia pode proporcionar uma relação mais afetiva e humanizada. Dessa forma, a motricidade no limite da expressão funcional, a partir da perspectiva Heideggeriana, instrumentaliza-se, está presa na dimensão da sua utilidade, tão em evidência atualmente, circunscreve-se no campo do objetivismo do corpo e, nesse sentido, não se compreende o movimento humano, para além da sua instrumentalidade. O movimento humano como obra de arte, a motricidade criadora, a *práxis* criadora, amplia a objetividade do movimento, expressa, como o poema e a música, sentidos profundamente humanos, como desdobramentos da potencialidade humana, criação, afetividade e imaginação.

Assim, a motricidade da cultura corporal do movimento pode contribuir na construção de sentidos existenciais que apontam para dimensões como solidariedade, coletividade, cooperação, empatia, conhecimento de si mesmo, além de sensações e experiências vividas essenciais para vida, para uma motricidade vital. Isso indica para nós, a motricidade vital não implicar apenas um mover-se, mas um se mover consciente, incidência de sentidos sensíveis e sentidos existenciais e, portanto, esta atravessa pela linguagem, uma vez que pressupõe uma abertura para a compreensão do se mover.

De todo modo, à luz de uma perspectiva fenomenológica, a motricidade vital implica numa forma de se mover em que o outro está implicado, tendo em vista suas bases teóricas da corporeidade e, portanto, de um sujeito encarnado no mundo.

Assim, diante das discussões até aqui apresentadas acerca da motricidade vital torna-se imprescindível capturar perspectivas epistemológicas emergentes e, especialmente, uma concepção de que a partir da multiplicidade motrícia existente na cultura da motricidade, o ser movente pode apreender sentidos sensíveis e existenciais para compor uma nova ontologia, uma ontologia da plenitude e da longevidade.

Por fim, tudo isso nos faz crer que na perspectiva da construção dos sentidos, tão importante quanto experienciar a estesia da motricidade, é apreender sentidos existenciais vitais. Assim, deixamos aqui nossa singelíssima contribuição para fazer emergir uma compreensão de que a motricidade se põe

como fundamento de um se mover para compor uma existência do bem viver com o outro.

Referências

- ARRUDA, E. O. Do sentido sensível ao sentido significado: motricidade humana, corporeidade e o sabor da cultura corporal do movimento. **Revista Internacional d'Humanitats**, CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona, n. 46/47, p. 81-88, mai-dez 2019 Disponível em: <<http://www.hottopos.com/rih46/8%20-%20EDUARDO.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2021.
- ARRUDA, E. O. **Fenomenologia, motricidade e linguagem: a roda de capoeira e o corpodown**. 286 f. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018.
- ARRUDA, E. O. Fenomenologia e capoeira: jogos ludomotrícios na formação da criança na fase. **Rev. Abordagem Gestalt**. v. 23, n. 3, Goiânia, p. 308-316, dez, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mai. 2021.
- JOSGRILBERG, R. S. A formação do ser humano em correlação com os mundos em que vivemos. **Educação & Linguagem**. v. 16, n. 2, p. 17-41, jul-dez, 2013.
- JOSGRILBERG. R. S. Para uma fenomenologia das idades da vida. **Rev. Abordagem Gestalt**. v. 23, n. 3, Goiânia, p. 299-307, dez, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n3/v23n3a05.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2021.
- JOSGRILBERG. R. S. Fenomenologia e Educação. In: **Revista Notandum** CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto. Mai-ago, 2015.
- JOSGILBERG, R. S. A formação do ser humano em correlação com os mundos em que vivemos. **Educação & Linguagem**. v. 16, n. 2, p. 17-41, jul-dez, 2013.
- JOSGRILBERG, R. S. Da formação de mundos à imaginação educadora. **Notandum**, 30, CEMOrOC, Feusp - IJI. Universidade do Porto, p. 5-16, set-dez, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. Tradução de Artur Gianotti e Armando Mora. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

SANTOS, S. O. dos. Ação, sentido e linguagem: essência da motricidade humana. **Revista Internacional d'Humanitats**. CEMOrOc - Feusp - Univ. Autònoma de Barcelona, n. 31, p. 103-114, mai-ago, 2014.

Recebido para publicação em 18-05-20; aceito em 03-06-21